

Jogral - Teatro



TIRADENTES E OS INCONFIDENTES

Personagens

Narrador dos fatos da Inconfidência
Coro (que poderá ser composto de 5 ou 6 alunos)

Tiradentes

Inconfidentes (poderão ser 6 alunos)

Tomás Antônio Gonzaga

Cláudio Manuel da Costa

Visconde de Barbacena

Silvério dos Reis

Juízes (poderão ser dois alunos)

Carrasco Capitania

Frei Penaforte

Narrador

Tempo — Os fatos ocorrem no dia da morte de Tiradentes e períodos anteriores, entre a prisão dos inconfidentes e sua execução. A narrativa vai situando os episódios.

A tentativa da rebelião — Juntando a indignação geral do povo de Minas contra a Coroa com as idéias republicanas e de libertação de alguns conspiradores, está formado o quadro motivador da revolta. Mas, como fazer uma revolução sem armas?

Tiradentes procura o tenente-coronel Francisco de Paula Freire, por indicação de Maciel, e propõe que ele participe do movimento, assumindo o comando das tropas. Convite aceito, surge um novo local de reuniões, a casa do tenente-coronel, e os conspiradores — principalmente Tiradentes — começam a fazer propaganda das suas idéias, ao mesmo tempo que traçam os planos concretos da rebelião.

Tudo caminha bem. O levante seria iniciado em Minas, logo após o lançamento da derrama. A senha era: "O dia do batizado".

O contratador Domingos de Abreu Vieira daria 600 barris de pólvora e levaria o governador Visconde de Barbacena até a estrada da Bahia, com um recado para o Reino. O padre Oliveira Rolim garantiria a adesão do Serro e forneceria seus agregados e escravos. O cônego Carlos e seu irmão, sargento-mor e comandante de Cavalaria Luís Vaz de Toledo Piza, respondiam por São João del Rei, enquanto Alvarenga Peixoto vinha preparando a sedição na vila de Campanha. O coronel Francisco Antônio de Oliveira Lopes viria da Ponta do Morro, e 200 escravos de Joaquim Silvério dos Reis estariam na estrada do Rio. Para Tiradentes ficou a tarefa mais difícil: iniciaria o golpe prendendo o governador e o entregaria a Domingos Vieira.

Imediatamente, o sistema de governo seria substituído e as leis da República implantadas. As dívidas para com a Coroa portuguesa seriam anuladas, a capital seria mudada para São João del Rei e uma universidade seria criada em Vila Rica.

Até mesmo a bandeira do novo Estado já estava definida: branca, com um triângulo vermelho no centro e a inscrição "Libertas, quae sera tamen" (Liberdade, ainda que tardia).

De repente, tudo foi por água abaixo. Os sete meses de conspiração (de setembro de 1788 a março de 1789) não haviam passado de um sonho.

Abertura

Coro

São Sebastião do Rio de Janeiro
Praça da Lampadosa
21 de Abril de 1792

Pronto o patíbulo
o ruído roufenho dos tambores
anuncia o trágico desfecho.
Balançando ao vento
a força espera sem desejo
que a justiça de El Rei
se faça sem demora, agora.

Tudo terminou naquele dia.
Seria o começo da batalha
não fosse gente tão canalha
a se vender por uma moeda fria.

Saibam, jovens, que o verdadeiro homem
não tem preço.
Não se corrompe aquele que tem brio.
Antes, prefere a luta de verdade
aquele que vê nascer a servidão
sob o chicote vil da tirania.
Quando ouvires dizer que sois dementes
por amares demais a liberdade
Recuai no tempo, olhai pra trás
e vede o Tiradentes.

Ouve agora a narrativa
que começa pela prosa
entre um canalha e um tirano.

Coro (apontando os personagens)
Canalha, Joaquim Silvério
traição era o seu lema.
Tirano não será outro
Visconde de Barbacena.

Visconde de Barbacena

Eis que se aproxima Silvério
velhaco antigo dos reis
com seus passos apressados.

Deve à Fazenda Real
grossas somas em dinheiro.

Patíbulo:

local onde se executam
os condenados.

Roufenho:

o mesmo que fanhoso.

Desfecho:

fim.

Observação: Neste tre-
cho seria interessante
usar tambores a rufar
ou ruído semelhante
através de um coral.

Brio:

honra.

Servidão:

escravidão.

Demente:

louco.

Lema:

lei, princípio, norma.

Tirano:

déspota.

Dobrão:
moeda antiga.

Tacão:
salto de sapata; no caso, a palavra, usada em sentido figurado, significa opressão.

Penhor:
garantia.

Posses:
bens.

Sedição:
sublevação, agitação, revolta.

Motim:
revolta de pequenas porções.

Magano:
atrevido.

Ladroar:
roubar.

Alferes:
posto militar correspondente ao de tenente.

Alcunha:
apelido.

Ciente:
sabedor.

Derrama:
cobrança forçada de impostos atrasados.

Senha:
sinal.

Seus impostos atrasados pagarão ele e os outros nem que preciso seja roubar-lhes das próprias casas jóias, dobrões, ouro e prata que escondem por sob a cama.

Breve será o momento que tremerão os mineiros sob o tacão da Derrama.

Silvério dos Reis

Ilustríssimo Visconde podeis vós me confirmar se ainda existe no Reino velha lei a perdoar dívidas, impostos, penhores e conceder posses, terras a quem ao rei denunciar revolta, sedição, motim?

Visconde de Barbacena

Mas é claro meu magano sempre a lei tem o seu fim.

Silvério dos Reis

Pois saiba, senhor Visconde andam fumaças no ar de que o povo desta terra pretende se rebelar.

Contra o rei e Barbacena que só sabem ladroar o suor dos brasileiros dizem poetas e um alferes Joaquim da Silva Xavier que anda de casa em casa a sedição a espalhar.

Sua alcunha é Tiradentes é o cabeça, o primeiro. Sabe-se que viajou para o Rio de Janeiro a fim de fazer cientes outros membros da revolta.

O momento foi marcado para o dia da Derrama ajustado numa senha: "O dia do batizado".

narrador

A traição — No dia 15 de março de 1789, Joaquim Silvério dos Reis, fazendeiro e minerador, resolveu delatar a conspiração ao Visconde de Barbacena. Ele devia enorme quantia ao governo português e achou que, denunciando os inconfidentes, suas dívidas seriam perdoadas. O governador ainda ficou em dívida, mas surgiram novos delatores para confirmar a tentativa de rebelião: Basílio de Brito Malheiros, Inácio Correia de Pamplona e Francisco Antônio de Oliveira Lopes.

O Visconde de Barbacena, para ganhar tempo, suspendeu imediatamente a Derrama, o que deixou alegre a população, acabando por frustrar inteiramente o levante. No dia 25 de março, Silvério dos Reis manda uma carta ao vice-rei, no Rio de Janeiro, confirmando a delação e informando sobre a presença de Tiradentes naquela cidade.

Visconde de Barbacena

Soldados, procurai por toda a parte
Tomás, Alvarenga, Cláudio
os padres, Toledo de Melo e Rolim.

Capturai o infame
alferes da Tropa Paga
que tem por nome um Joaquim
de pensamentos dementes.

Todos o conhecem
pois vive de outro ofício
que é o de tirar dentes.

Coro

Correntes de puro aço
atadas aos pés e às mãos.
Arrastam-se pelas estradas
inconfidentes tristonhos.

Vão pagar paga pesada
o crime da liberdade
o preço de sua ação
por querer mudar colônia
em rica e grande Nação.

Tiradentes

Joaquim José da Silva Xavier
é meu nome de batismo
mas os povos destas minas
me chamam de Tiradentes.

Três anos se passaram neste calabouço
a luz do sol não vejo, os sons não ouço
negros ratos deram-me por parceiros.

Alvarenga, Cláudio, Gonzaga, Rolim
que são dos muitos companheiros
sonhadores de um tempo mais feliz
e que um dia juraram libertar este país.

Tomás Antônio Gonzaga

Poeta sou e serei
Tomás Antônio Gonzaga.
Em Coimbra me formei.
Vivia em Vila Rica
homem da ordem e das leis.

Infame:

canalha, crápula.

Tropa Paga:

corpo militar das forças
coloniais.

Calabouço:

prisão.

Tentastes nessa loucura
lançar idéia malvada
no seio do povo ingênuo.

Pretendestes a República
esteve aí todo o mal
à nossa grande Maria
rainha de Portugal.

Por tudo isso, malditos sois vós
até quarta geração
e com baraço e pregão
à praça irão conduzidos.

Sofrerão na força a sorte
de um crime de traição
a fim de que todos vejam
como é severa a justiça
que se pratica no Reino
contra o colono matreiro
que ousa sair dizendo
que se chama brasileiro.

Coro

Nos olhos dos condenados
uma tristeza infinita.
Na boca dos desdentados
muitas mil imprecações
contra a sorte caprichosa
que destruíra seus sonhos
versos, amores e lida
que matara a liberdade
na terra mais que querida.

Isso doía muito, muito mais talvez
que a perda da própria vida.

Os juizes anunciam o perdão para dez dos condenados

Senhores réus condenados
ajoelhai-vos ante a rainha

D. Maria I.

Dai vivas, glórias ao trono
à sua misericórdia.

Dez de vós não morrerão
na força como aprazado
estava no Tribunal.

narrador

A condenação — Tiradentes fora ao Rio com a desculpa de ver como iam os seus requerimentos de obras públicas. Mas, na verdade, sua intenção era conseguir apoio da guarnição carioca para a revolta. Sua ausência na hora da delação e da descoberta dos planos auxiliou o desmoronamento da rebelião, sem que nem um tiro tenha sido disparado. Ele foi preso no dia 10 de maio ainda no Rio, onde, por decisão real, correu o processo contra os incondidentes. Foram três anos completos de devassa, de inquéritos e de prisão.

A sentença foi lida no dia 19 de abril de 1792: dos 34 réus, 14 foram condenados à força e a maioria ao degredo perpétuo, a ser cumprido na África; absolvidos, só alguns poucos. No dia seguinte, entretanto, as penas de enforcamento foram comutadas para o degredo, com exceção de uma: Tiradentes, por ser o cabeça da revolta, liderança que ele próprio confessara durante o processo, com o objetivo de salvar seus companheiros, seria executado para servir de exemplo.

Ingênuo:
inocente, simples.

Baraço:
corda de enforcar.

Pregão:
barulho de tambores.

Matreiro:
astuto, atrevido.

Desdentados:
sem dentes.

Imprecações:
xingamentos, maldições,
injúrias.

Lida:
luta.

Aprazado:
combinado, acertado.

Perpétua:
por toda a vida.

Ganharão prisão perpétua
muito pior que a própria força
nas colônias africanas
do Reino de Portugal.
Mas todos estejam cientes
que um não será perdoado
exemplo vivo do mal.

Delírio:
loucura.

Esse um é Tiradentes
que vos levou ao delírio
conforme dizem os autos
provadores deste fato
que justifica o martírio.

Martírio:
tormento.

Os inconfidentes

Vivas à nossa rainha
Senhora Dona Maria
primeira nos seus perdões.
Viva a Corte de Lisboa
que nos vem poupar a vida
tão cara, mil vezes boa
depois de quase perdida.

Coro

Contentes, abraçavam-se os inconfidentes
uns choravam, outros riam.

Três anos de solidão
mudaram-lhes a feição
os gestos, e quem sabe
até mesmo a opinião.

Abatido:
triste.

Não viram Joaquim José
pálido, magro, abatido
a festejar quase mudo
com seus olhos destemidos
o fim da longa agonia
dos companheiros queridos.

Destemido:
corajoso.

agonia:
angústia, aflição.

Quis, embora tão só,
compartilhar da alegria.

Os juízes proclamam a condenação do Tiradentes

Apinhada:
aglomerada.

Que seja conduzido o Tiradentes
com baraço e com pregão
pelas ruas apinhadas
da bela São Sebastião
para ser executado.

E que depois de morto
seja seu corpo defunto
cortado em quatro pedaços
os quais se distribuirão
pelos caminhos das Minas
onde exerceu suas artes.

Arte:
ofício, trabalho.

E no lugar mais público
do centro de Vila Rica
ao topo de um alto poste
espete-se-lhe a cabeça
para que todos os povos
vejam as postas, uma a uma
até que o tempo as consume.

Posta:
pedaço.
Consumir:
destruir, extinguir.

Que se queime sua casa
salgue-se todo o terreno
que se maldigam seus filhos
até quarta geração.

Enfim, que seja esquecido
e aquela idéia banal
pretendendo separar
o Brasil de Portugal.

Banal:
comum, insignificante,
sem importância.

Coro

Naquele tempo sombrio
os oficiais de justiça
levavam ao condenado
o carrasco franco e frio.

Como era de costume
iria solicitar do infeliz
o perdão.

Chamavam-no Capitania
algoz de todo enforcado
não era bom nem malvado.
Cumpria com seu ofício.

Algoz:
carrasco.

Capitania

Venho trazer-te esta alva
tão pura como a inocência
que vejo em teu coração.

Alva:
veste de pano branco.

Será a tua mortalha
neste dia tenebroso.

Mortalha:
roupa com que se veste o
defunto.
Tenebroso:
coberto de trevas, escuro.

Cediça:
velha, corrompida.

Crua:
cruel.

Contrito:
arrependido.

Nazareno:
relativo a Jesus, originário de Nazaré.

Opressão:
pressão, tirania.

Tenho ainda a contragosto
o barão curto e grosso
colocar-te no pescoço.

Não me move o braço
a mão cediça
senão outra que a vontade
da crua e fria justiça.
Ó meu amigo, deixa-me
humilde, triste e contrito
beijar-te os pés e as mãos.

Coro

Aproxima-se o cortejo.

Seguro, calmo, sereno
semblante de nazareno
pés descalços no terreno
crucifixo nos olhos
caminha Joaquim José.

É alvo das atenções.

De um lado Capitania
do outro frei Penaforte
vem resmungando orações.

Vinte degraus o separam
da eterna liberdade
que o livrará de opressões.

E chora o mártir José
não por ele, pelo povo
que na carne as sofrerá
por mais de mil gerações.

Frei Penaforte

Vede povos desta terra
o quão precioso é o silêncio
a calma, a obediência
nas relações com a Metrópole.

Continuai tranquilos sempre
há ordens a respeitar.

Não cultiveis as sementes
deixadas por condenados
que foi o justo motivo
da morte do Tiradentes.

Tiradentes

Por crime de liberdade
morreria mais mil vezes
se mil vidas eu tivesse.
Por um Brasil brasileiro
não serei eu o primeiro
nem o último a pagar
este pesado tributo.

Tributo:
pagamento, encargo.

Mas sei que virá um dia
um tempo de calmaria
depois de lutas, de luto
que a praça da Lampadosa
não será reino da morte
mas o campo da alegria
nos cantos de um povo livre
que soube fazer-se forte
estraçalhando os tiranos
sobre o peso do seu porte.

Calmaria:
paz, tranqüilidade.

E no claro azul do dia
gerarão os opressores
sentirão na pele o frio
a solidão, os maltratos
devolvidos por aqueles descendentes
de negros, índios, mulatos
que a terra um dia engoliu
feito bichos, feito ratos.
Ó negro Capitania
alivia minhas dores
monta meu corpo no espaço
faz breve a minha agonia.

Porte:
tamanho, força.